

Expectativas e Realidades da Atracção Física Interpessoal – Aproximação ou Afastamento?

José M. da Silva Pinto¹

Até os homens e as mulheres se vão assemelhando, enco-
rajados pelos ‘media’.

(MIGUEL ESTEVES CARDOSO, *A causa das coisas*)

Resumo

Entre 1992 e 2010 fizemos quatro estudos quantitativos sobre o ajustamento entre expectativas e realidade da atracção física interpessoal. Os três primeiros foram relatados sumariamente na *Psique* 3 (2007).

O estudo 4 incluiu outros objectivos, para além dos dos três anteriores acima referidos, cuja pesquisa e resultados serão apresentados posteriormente.

Depois de terminado o estudo 4 fizemos ainda um estudo qualitativo através de quatro entrevistas, com o objectivo de obter pistas para melhor explicação de alguns dos resultados gerais.

Este artigo apresenta os resultados do estudo 4 e as conclusões gerais apenas sobre as expectativas e realidades da atracção física interpessoal, incluindo alguns dos dados recolhidos através das entrevistas, sobre este tema.

Palavras-chave: atracção física, consistência, expectativa, preferência

Abstract

From 1992 to 2010 we undertook 4 quantitative investigations on the adjustment between expectations and realities about physical interpersonal attraction. The first 3 have been reported in the *Psique* nr. 3, 2007.

Study 4 included other different objectives, which research and results will be reported latter.

¹ Docente de Psicologia no Curso de Licenciatura em Psicologia da UAL e investigador do Centro de Investigação em Psicologia (CIP) da UAL; pintojms54@gmail.com

After quantitative research nr. 4 we made a qualitative study through some interviews, which aim was to obtain better explanation for some of the general results of the quantitative researches.

This article presents the results of study 4 and the general conclusions only about expectations and realities of the physical interpersonal attraction, including some data from the interviews, about this area.

Keywords: physical attraction, consistency, expectation, preference

Introdução

A pesquisa agora relatada estuda, do ponto de vista físico, as expectativas dos dois sexos, as suas preferências e a consistência entre as expectativas de cada sexo e as preferências do outro.

Berscheid e Walster (1974) atribuem a falta de interesse por este tema e consequentemente a falta de estudos científicos acerca dele, a dois aspectos. Um, o facto de os sociólogos não lhe darem a importância que tem e o outro devido à dificuldade de estudar as consequências da beleza, o que distribui o desinteresse pelas duas ciências, a sociologia e a psicologia.

Zimbardo, por sua vez, salienta que é curioso que, sendo as relações íntimas interpessoais fundamentais na vida dos humanos, estejam há tão pouco tempo a ser estudadas pela Psicologia Social (Miller, Perlman & Brehm, 2007), tanto mais que a atracção física é um aspecto muito importante na atracção interpessoal (Lippa, 2007).

Para haver relações interpessoais, desde as menos próximas às íntimas, é necessário que homens e mulheres se sintam atraídos pelos outros e que os atraiam.

Entendemos *expectativa* como a representação mental da relação entre a acção do sujeito e o mundo exterior, isto é, o que ele espera que aconteça no contexto em sua volta (Richelle, 2001) e *preferência* como “Seleccção ou escolha de estímulos [...]. Gostar de uma coisa mais do que de qualquer outra” (Chaplin, 1981, p. 436).

Homens e Mulheres – Iguais ou Diferentes?

Desde que há homens e mulheres sobre a Terra que as diferenças entre eles existem. Carrada e Jannini (s.d.) referem um gene do cromossoma Y, descoberto por cientistas ingleses em 1991, dizendo que ele é o responsável pela diferenciação do homem, a partir da mulher.

Dizem que o gene se chama “Tdf” (Testis-determining factor) e que é a costela de que um ser é feito a partir de outro, numa alusão à formulação bíblica contrária de que a mulher teria sido feita a partir de uma costela do homem (Carrada & Jannini, s.d.). Levay (1993) confirma esta ideia e Kimura (2004) afirma acerca disso que a maioria das diferenças entre os dois sexos é devida ao cromossoma Y, ainda que isto possa ocorrer de forma não directa.

Estudos recentes, como por exemplo os apresentados por Doreen Kimura (2004) apontam para a existência de diferenças inegáveis entre homens e mulheres que, ao longo dos séculos e do correr das civilizações, foram sendo aproveitadas para acentuar a demarcação dos dois campos, hoje chamados géneros.

Não serão tantas e tão marcadas as diferenças fisiológicas e de capacidades, que expliquem o, por vezes, quase abismo entre homens e mulheres, tanto mais que as que existem intra-sexos são notórias (Touraine, 2007) ou mesmo maiores do que as que se verificam entre os dois sexos (Poeschl, Múrias & Ribeiro, 2003).

O polimorfismo que é o nome dado à grande variação nos seres vivos devida à heterozigose permite diversidade evidente e elevada dentro do mesmo sexo (Skrzypczak, s.d.).

Nalguns casos a diversidade é até maior dentro do mesmo sexo do que entre eles, como salienta Amâncio (1994).

Kimura coloca o problema de uma maneira simples e objectiva, ao dizer que “podemos resumir o processo de diferenciação sexual dizendo que a forma ‘por ausência de especificação’ ou ‘básica’ dos mamíferos corresponde a um organismo do sexo feminino, sendo que o organismo do sexo masculino pode ser considerado uma variação daquele” (2004, p. 38).

Para a mesma autora o preconceito contra a explicação biológica parece ter origem nas ideologias igualitárias que confundem o conceito ocidental de tratamento igual perante a lei “[...] com a afirmação de que todas as pessoas

são, de facto, iguais. As pessoas não nascem iguais em força, saúde, temperamento ou inteligência. Isto é pura e simplesmente um facto que nenhuma pessoa sensata pensará negar” (Kimura, 2004, p. 18).

A partir de dissemelhanças bio-fisiológicas o ser humano desenvolve-se cognitivamente num sentido mais masculino ou feminino e, a partir destas distinções de base, é levado a encarar a vida do ponto de vista preponderantemente masculino ou feminino. Segundo Sternberg (2000) a própria linguagem apresenta importantes diferenças de concepção estratégica.

Há diferenças mesmo quanto aos odores, como mostra Nossintchouk (1998, p. 263) o que Herz (2008) considera uma base de atracção física importante.

Há portanto influências genéticas determinantes desde a formação do ser humano e influências de socialização que a cultura inculca durante o processo evolutivo.

Deaux e LaFrance (1998) consideram impossível inventariar todas as investigações feitas sobre as diferenças entre homens e mulheres e que confirmam a sua existência, embora não necessariamente em desfavor da mulher e nem sempre de significado notório.

Por exemplo, Doreen Kimura (2004) em *Sexo e cognição*, mostra que as diferenças não residem apenas na configuração dos órgãos sexuais externos, aquilo que mais chama a atenção, ou na frequente maior estatura dos homens, na sua maior pilosidade e noutros pormenores mais ou menos importantes.

Elas vão muito para além disso, não só no desenvolvimento do dimorfismo sexual e identidade sexual (Ruas, 1987) como por se manifestarem ao nível cognitivo, o que introduz diferenças de aptidão, de avaliação e de capacidades entre os dois sexos, que não podem ser desprezadas (Carrada & Jannini, s.d.; Goleman, 1995; Kimura, 2004; Martin & Boeck, 2002).

Brizendine (2006) inicia o livro *Como as mulheres pensam* afirmando que mais de 99% dos códigos genéticos dos dois sexos são rigorosamente iguais, mas apresenta provas de muitas diferenças de processamento entre o cérebro dos homens e o das mulheres.

A mesma autora (Brizendine, 2007) em *O cérebro feminino* afirma, também logo no início, que qualquer observador atento vê que os cérebros dos homens e das mulheres são diferentes, referindo que os daqueles são 9% maiores, mesmo tendo em consideração a diferença de estatura entre os dois

sexos. Esclarece porém logo a seguir que isso não se deve a maior capacidade mental nem é consequência dela, como se pensava no século XIX, mas acontece porque as células cerebrais, que são em número igual nos dois sexos, na mulher se encontram mais compactadas.

Kimura (2004) por sua vez aponta por exemplo a grande diferença que existe em tarefas de pontaria e precisão, em que os homens se mostram claramente melhores, assim como na intercepção de uma bola de pingue-pongue lançada por uma máquina, mas a diferença já se torna muito menos significativa em tarefas espaciais de papel e lápis.

Estudando a história desportiva dos homens e das mulheres que participaram no estudo, a investigadora verificou que a prática de desportos que exigem pontaria só poderia ser considerada como responsável pela diferença encontrada entre homens e mulheres numa parte mínima, pelo que concluiu que essa diferença não é apenas devida à experiência de vida (Kimura, 2004).

Ao contrário, no que respeita a várias tarefas motoras minuciosas as mulheres são melhores. É o exemplo do Purdue Pegboard, em que a nossa experiência pessoal mostra que obtêm geralmente resultados muito melhores do que os que os homens conseguem alcançar, quer trabalhando com uma mão de cada vez, quer com ambas as mãos em simultâneo.

Kimura (2004) obteve resultados idênticos. É interessante verificar que alguns estudos feitos com este instrumento apontavam como causa desta vantagem das mulheres o facto de terem os dedos mais finos, o que lhes facilitaria a destreza de agarrar as pequenas peças (pinos metálicos de reduzida dimensão que devem ser colocados nos encaixes existentes num tabuleiro e anilhas igualmente metálicas para colocar em volta dos pinos). Contudo, a mesma autora afirma que os seus próprios estudos não confirmaram esta proposta e avança mesmo, com base noutros testes levados a cabo no seu laboratório, que eles apontam a possibilidade de as mulheres controlarem melhor a musculatura mais afastada do corpo, musculatura distal, como a dos dedos das mãos.

Na puberdade as raparigas começam a interessar-se por rapazes mais cedo do que estes por elas (Williams, 1983). Estamos perante a influência decisiva da testosterona, aqui no seu terceiro pico que vai ocorrer nos rapazes por esta altura, mas as meninas nesta idade estão mais desenvolvidas do que os rapazes e, por isso, apresentam comportamentos de relacionamento com o outro sexo mais precocemente do que eles (Kimura, 2004).

A acção das hormonas que se dá nesta altura vai potenciar o desenvolvimento no rapaz de algumas das características que ele irá exibir no futuro, no já aludido processo de diferenciação do masculino a partir do feminino. Nele se incluem aprendizagens específicas como por exemplo a aprendizagem social do desempenho do papel de caçador (neste caso de membro activo no processo de atracção interpessoal) e a maior exteriorização de disponibilidade sexual (Williams, 1983).

Isto poderá ter conduzido à desvalorização da mulher sob este último ponto de vista, levando a uma conceptualização distorcida em que ela desempenha um papel secundário de complementaridade inferiorizada, como membro de uma categoria quase assexuada, ou de um sexo inferior (Marques, 2004).

Há uma estabilidade estatística universal quanto à superioridade do homem, que aparece ligada ao facto de o prazer sexual ser um direito masculino (Héritier, s.d.).

Damásio (s.d.) avança com uma proposta de reformulação dos objectivos da neurociência actual, baseada na necessidade de se estudar o que está por detrás das diferenças que homens e mulheres apresentam em relação aos processos de adaptação. Esclarece que o objectivo que vê para a neurobiologia actual é descobrir como é que as regulações adaptativas são sustentadas (Damásio, s.d.).

Acrescenta mesmo que a sua intenção é debater a ligação entre os fenómenos biológicos e os sociais e não reduzir estes àqueles o que não deixa dúvidas sobre a sua clara convicção de que as diferenças existem, para além dos processos adaptativos e da socialização (Damásio, s.d.).

A valorização estereotipada do homem dá “[...] ao grupo cuja identidade é social e contextualmente valorizada, neste caso, os homens [...]” (Amâncio, 1988, p. 317) uma diferenciação que exprime comportamentalmente o que as crenças sociais apontam.

Em média as mulheres, em todas as culturas muito ou pouco abertas, são menos disponíveis sexualmente do que os homens o que prova que se trata de uma diferença de algum modo hereditária (Carrada & Jannini, s.d.) e isto pode ter contribuído para que sejam subestimadas.

Ora se equacionarmos estas realidades com a tendência habitual do ser humano para valorizar a actividade, a disponibilidade, a determinação e

a iniciativa facilmente se percebe a facilidade de cair na tentação da desvalorização da mulher, apoiada na ideia de que é um ser passivo e recipiente, enquanto o homem é activo, determinado e dador. Isto pode levar à criação de hostilidade e à sua generalização, que são as bases da formação do preconceito (Monteiro, 1993).

As crenças sociais e o rolar do tempo criaram situações bem diferentes em relação ao homem.

No que se refere ao pénis, há investigadores que concluem que ele tem muito pouca importância, como Carrada e Jannini (s.d., p. 94) quando dizem que “não é por acaso que as sondagens sobre esta matéria confirmam que as dimensões do pénis ficam no último lugar na classificação dos desejos da mulher” e Hite (2004, p. 136) quando afirma que “o tamanho do pénis só impressiona os outros homens, e pode no máximo lhes gerar complexos!”

Mas Barash e Lipton (2002) salientam a sua dupla função: (1) introduzir o sémen na vagina da mulher, função para a qual há vantagem para os de grande dimensão que a poderão desempenhar mais profundamente e, por isso, com maior probabilidade de êxito na fertilização; e (2) a de “[...] raspador, uma goíva, um mandril, um saca-rolhas – um verdadeiro canivete suíço de aparatos e ferramentas adaptados a remover os espermatozóides de qualquer macho anterior” (p. 90), o que pode ajudar a explicar o investimento masculino na sua dimensão.

Se juntarmos a isto o facto de os espermatozóides terem também a função de bloquear vasos posteriores ou mesmo de matar eventuais espermatozóides anteriormente derramados na vagina (Baker, 1996) parece que se pode perceber a preocupação com o tamanho do pénis, que os homens demonstram (Lavrakas, sem referência; Pinto, 2007), uma vez que ele está ligado à possibilidade de a descarga poder ser mais profunda e portanto mais eficaz nestas funções.

Alberoni é bastante pragmático e diz que, para além dos homens em relação às mulheres, estas também sentem atracção puramente sexual por um homem, mas que isso é mais provável se ele tiver alguma coisa que o destaque e torne merecedor aos olhos dela, podendo “[...] ser apenas a estatura gigantesca ou uma voz bonita ou um pénis grande” (2006, p. 73).

Por outro lado, a história mostra que ao longo dos séculos, a actividade sexual masculina tem sido permitida, facilitada e até aprovada ou enaltecida, enquanto que a feminina é restringida, controlada e colocada em

posição secundária (Alberoni, 2006; Aymard, 1990; Bourdieu & Passeron, s.d.; Corbin, 1990; Goldhill, 2006; Hite, 2004; Muldworf, 1975; Perez, 1995; Perrot, 1990; Veyne, 1989).

Atracção Interpessoal

Sendo um animal social (Miller, Perlman & Brehm, 2007; Rodrigues, Assman & Jablonski, 2002) o homem vive em grupo.

Leyens e Yzerbyt (2004) vão mais longe dizendo que um ser humano que não conhecesse os seus congéneres não seria um ser humano, o que quer dizer que a condição de se ser humano implica a inter-relação com outros. Por isso “todo o ser humano normal vive em sociedade. [...] Aristóteles comentou que quem não necessitar de sociedade é um animal ou um deus. Insistiu ele que o homem é, por natureza, um animal social” (Anderson & Parker, 1971, p. 19).

Afiliação é o desejo ou motivação que, independentemente de se gostar de alguém, nos impele a estar com outras pessoas (Neto, 2000).

Todos os indivíduos vivem em grupos, colhendo deles as vantagens que oferecem, em que se incluem as bases da própria estrutura social e os traços culturais em que se inserem e que são partilhados por esses grupos (Javeau, 1986) e os grupos inter-relacionam-se, misturam-se ou fundem-se para atingirem os seus objectivos, pelo que “a exclusiva fatalidade, a única tara que pode afligir um grupo humano e impedi-lo de realizar plenamente a sua natureza, é estar só” (Lévi-Strauss, 1980, p. 84).

Isto quer dizer que a relação interpessoal é a base da sociedade e de todos os fenómenos sociais, podendo ter várias formas, por exemplo dentro do leque que vai da amizade ao ódio ou, de outro ponto de vista, variar das relações profissionais às sexuais (Virton, 1979) acontecendo que não se sabe com exactidão porque se deseja determinada pessoa e não outra (Hite, 2004).

Mas para haver qualquer espécie de interacção, estará subjacente a atracção interpessoal

Consideramos que *atracção* é a atitude ou emoção positiva que se sente em relação a alguém e que, por isso, nos impele a procurar estar com essa pessoa (Neto, 2000) que se distingue da afiliação atrás definida.

O Quadro 1 mostra a sistematização dos factores que influem na atracção interpessoal, agrupados em dois conjuntos: *disponibilidade* e *desejabilidade*.

Factores influenciadores	Social	Disponibilidade	Desejabilidade
		Actividade rotineira	Normas sociais
		Familiaridade	Processos de troca
	Proximidade		
	Pessoal	Opções pessoais	Sentimentos e disposição positivos
		Interesses	Valores e atitudes semelhantes
Situação actual		Complementaridade Reciprocidade Qualidades positivas Atracção física	

Quadro 1. Elementos da disponibilidade e da desejabilidade

Estes factores são por sua vez influenciados pela estrutura social e pelas características da pessoa.

Podemos ver que entre os elementos componentes da desejabilidade, do ponto de vista pessoal, encontra-se a atracção física.

Os homens têm revelado, em inúmeros estudos experimentais, maior preferência pelos aspectos físicos do que as mulheres (Buss & Barnes, 1986; Feingold, 1990; Lee, Lowenstein, Ariely, Hong & Young, 2008; Miller, Perlman & Brehm, 2007; Regan & Berscheid, 1997) e estas dão maior importância, mais vezes do que os homens, a condições de sustentabilidade de vida e status social (Buss & Barnes, 1986; Miller, Perlman & Brehm, 2007; Sheldon, 2007; Sprecher, Regan, McKinney, Maxwell & Wazienski, 1997) ainda que na vida real, as diferenças se esbatam (Eastwick & Finkel, 2007).

Atracção Física Interpessoal

Atracção física interpessoal é a capacidade potencial que um sujeito tem de atrair fisicamente outro, para além da adequabilidade social e em função do desejo deste (Michener, DeLamater & Meyers, 2005).

É uma das dimensões da atracção interpessoal encontradas por McCroskey e McCain (2008) e pode basear-se nas roupas ou nos atributos físicos.

Homens e mulheres, do ponto de vista das escolhas que fazem, atribuem importância diferente a particularidades físicas diferentes e a primeira coisa que vemos quando encontramos alguém é a sua aparência, (Miller, Pearlman e Brehm, 2007) embora esta seja subjectivamente avaliada, dado encontrar-se “[...] in the eye of the beholder” (p. 82).

Em 1981, Frieze, Olson & Russell apresentaram os resultados de um estudo levado a cabo nos Estados Unidos, que mostrou que as pessoas com MBA obtido na Universidade de Pittsburgh, classificadas segundo a atractividade física numa escala de 1 a 5, apresentavam, por cada ponto a mais nesta classificação, uma subida de US\$2600 anuais nos homens e US\$2150 nas mulheres (Miller, Pearlman & Brehm, 2007).

A publicidade e a divulgação de determinados tipos de beleza, actualmente muito facilitada pela tecnologia de comunicação de que dispomos, influencia a percepção que se tem do que é belo, ou, no mínimo, a expressão exterior dessa percepção.

A cada vez maior exposição do corpo e, principalmente do corpo feminino na publicidade, leva-nos a lembrar que já há cinquenta anos Durandin (1956, p. 1171) dizia que não há diferença fundamental entre a finalidade da propaganda e a da publicidade. Alertava para que o propagandista procura “[...] nous faire *prendre position* et il commence pour cela par nous faire classer l’humanité en deux clans, les bons et les mauvais, les amis et les ennemis,” ou seja, os *pares* que como nós aderem ao que nos querem *vender*, ou os *outros* que são os que ficam de fora deste grupo alinhado com a moda.

Cerclé e Somat (s.d.) referem-se a este fenómeno como *conformidade*, definindo-o como uma alteração do comportamento, baseada ou não na mudança de atitude, no sentido da uniformização com o comportamento e/ou atitude de um grupo, para que o sujeito se sinta harmonicamente inserido nele, o que Freedman, Carlsmith e Sears (1977) referem como sendo fortemente adaptativo.

Referindo-se ao impacto que as revistas masculinas para homens terão nos homens e ao que as que se destinam a mulheres terão nelas, Frederick, Fessler e Haselton (2004, p. 81) dizem que “the resulting competitive esca-

lation creates a disconnect between the preferences of one gender and the personal aspirations of the other”.

Nos tempos que correm os meios de comunicação e principalmente as emissoras de televisão, são como que substitutos dos órgãos dos sentidos e, pior do que isso, do raciocínio e da capacidade de decisão das pessoas, erigindo-se quase como religiões por detrás das quais está a “[...] divindade consumista que indica repetitivamente o que procurar, comprar [...]” (Abreu, 2007, pp. 99-100) e naturalmente imitar.

Segundo Elisabeth Noelle-Neumann (1974) as pessoas que têm opiniões não concordantes com as da maioria, tendem a manter-se em silêncio com medo das consequências, se o não fizerem, o que pode dar às massas populacionais a ideia errada de que o que a comunicação social mostra é o que é bonito, bom, aceitável, correcto, já que não aparecem opiniões discordantes.

Miller, Perlman e Brehm (2007) dizem que a média das Playmates é de tal maneira magra que está dentro dos critérios de peso para ser considerada como tendo uma perturbação da alimentação.

A influência da comunicação/publicidade faz-se igualmente sentir no que respeita ao vestuário, incitando à adesão à moda que vai divulgando e em certa medida impondo.

Contudo, não se pode perder de vista que Blount-Nuss, Cate e Lattimer (2006) concluíram que *o hábito não faz o monge* ou seja, que não era possível concluir no seu estudo que as roupas tornavam o ser humano mais atractivo, o que pode indiciar que a atracção física é mesmo exercida pelos aspectos físicos e não pelas roupas que se veste, ainda que estas possam ter algum papel na chamada de atenção sobre a pessoa.

Vemos então que a atractividade física é um aspecto com importância em tudo o que respeita às relações interpessoais (Singh, s.d.), até porque a classificação que se dá a muitos objectos sociais é fortemente influenciada pela sua relevância (Tajfel, 1982). O aspecto físico tem-na indubitavelmente no que se refere às relações interpessoais, incluindo as amorosas (Mónico, 2005) e é preferido, em detrimento da personalidade, por homens e mulheres em certas situações de encontro (Tubre, s.d.).

Para além disso, sabemos que o corpo, os olhares, mímica e posturas corporais têm influência na sociabilidade das pessoas (Tap, s.d.) e que temos

pouco controlo sobre a atracção física (Atkinson, Atkinson, Smith, Bem & Nolen-Hoeksema, s.d.) o que aumenta a importância dela.

Num inquérito feito nos Estados Unidos, 36% das mulheres afirmaram que a sua aparência física afecta a possibilidade de terem uma sexualidade harmoniosa (Forest, Duran & Corman, 2004).

Sabe-se que os efeitos da beleza sobre a atracção atravessam todas as idades, os dois sexos (Alferes, 1993; Baron & Kalsher, 2005) e as várias categorias sócio-económicas (Alferes, 1993) sendo mesmo a fonte de atracção mais evidente (Baron & Kalsher, 2005; Neto, 2000). É isso que leva Houel (2001) a dizer que o interesse que uma pessoa mostra por outra, do ponto de vista físico, leva a que o corpo desta se transforme, deixando de ser um todo para passar a ser um conjunto de partes mais ou menos sexualizadas.

Tubre (s.d.) concluiu experimentalmente que homens e mulheres dão grande importância à atracção física, na perspectiva de terem um encontro com alguém, ao verificar que os sujeitos experimentais recusavam encontro com sujeitos alvo que eram descritos como possuidores de personalidade agradável, mas não atractivos fisicamente.

Diversos estudos vêm mostrando que a atracção física influencia não só a atracção interpessoal, como o desejo de poder ter um encontro com outra pessoa (Bersheid & Walster, 1974; Simpson & Gangestad, 1992) e que o desejo de ter, ou repetir, um encontro com alguém tem como elemento decisivo a atractividade física, independentemente de as personalidades e as inteligências não permitirem prever compatibilidade no casal (Walster, Aronson, Abrahams & Rottman, 1966).

Aquilo que se entende por fisicamente atraente pode ultrapassar a aparência física propriamente dita, como acontece com o riso que tem importância comprovada (Guegen & De Gail, 2003; Mueser, Graub, Sussman & Rosen, 1984; Neto, 2000), com a voz (Brudereck, 2008) e até com a simples troca de olhares que é um aspecto de grande importância na comunicação não verbal humana (Caetano, 1978), ainda que Restrepo (2004) considere o corpo como a base desta comunicação.

Por outro lado, Mueser e colaboradores mostraram em 1984 que, em relação a sujeitos femininos que foram apreciados por 21 masculinos, as faces tinham maior importância do que os corpos, enquanto Krumhuber, e colaboradores (2007) verificavam que a dinâmica expressiva do rosto influenciava

os outros quanto a confiarem e cooperarem e Berry (1991) concluiu que a infantilidade do rosto leva à expectativa de honestidade e calor.

Relativamente aos homens, estudos vários indicaram que o aumento da masculinidade do rosto fazia com que a pessoa fosse percebida mais negativamente e a feminização podia fazer aumentar a atractividade, por suavizar os traços negativos de personalidade (Freitas-Magalhães, 2006), mas Perrett (2008) concluiu que as mulheres preferem rostos masculinos mais viris durante o período fértil do ciclo menstrual.

Por outro lado concluiu-se que os homens sobrestimam a importância que esperam que as mulheres dêem aos músculos (Frederick, Fessler & Haselton, 2005) e podem mesmo ser os responsáveis pela continuação do estereótipo do homem músculo (Lavrakas, 1975) enquanto elas avaliam por cima a que julgam que os homens dão à magreza feminina (Frederick, Fessler & Haselto, 2005).

As mulheres valorizam pouco o físico do homem, se ele não se afastar excessivamente do que consideram atractivo (Lavrakas, 1975) e são geralmente mais apreciadas por terem figura de ampulheta e os homens por apresentarem o tronco em forma de “V” (Johnson, Lurye & Freeman, 2008).

Vemos portanto que a atracção física é de grande importância para o ser humano e que homens e mulheres sendo diferentes, essas diferenças se manifestam inclusivamente no desajustamento entre as expectativas e as realidades de preferência física.

Método

Esta pesquisa foi feita na sequência de 3 anteriores, relatadas na revista *Psique* 3, 2007.

O que apresentamos de seguida é a continuação dessas três investigações, deixando-se para posterior publicação os dados relativos a outros objectivos desta última investigação.

No final foi feita uma investigação qualitativa através de quatro entrevistas com o objectivo de procurar encontrar pistas que possam explicar alguns resultados obtidos com a aplicação do questionário.

Objectivos e justificação

A exiguidade de estudos sobre uma área de tão grande importância e em que está envolvido não só o bem-estar das pessoas, como a sua saúde, caso da crescente anorexia, por exemplo, torna evidente a necessidade e oportunidade de investigar este tema.

O objectivo desta pesquisa é estudar a consistência entre as expectativas de preferência física de cada sexo e as preferências físicas do outro, numa população de estudantes universitários heterossexuais.

Para isso estabelecemos cinco objectivos específicos:

- Primeiro, descrever as expectativas que homens e mulheres estudantes universitários e heterossexuais, têm acerca do que neles atrai fisicamente o outro sexo.
- Segundo, descrever as preferências dos homens e das mulheres estudantes universitários e heterossexuais, em relação ao que mais os atrai fisicamente no outro sexo.
- Terceiro, comparar as expectativas de cada sexo com as preferências do outro.
- Quarto, comparar os dados do presente estudo com os dados recolhidos por Paul Lavrakas e por nós nos estudos 1 e 3 (relatados na *Psique* 3, 2007).
- Quinto, comparar as expectativas e as preferências por região.

População e amostra

A população deste estudo é de estudantes universitários de universidades portuguesas.

A amostra é propositiva (Rey, 2002) mais relacionada com o problema do que com a relação da estatística com a população e de conveniência, tendo sido convidados a responder ao questionário os estudantes a que tivemos mais fácil acesso (Hill & Hill, 2002). Mantivemos uma monitorização muito rigorosa para que se conseguisse um número suficiente e tão equilibrado quanto possível, entre homens e mulheres (Goode & Hatt, 1979), de maneira a podermos obter as preferências de ambos no contexto actual da sociedade

portuguesa. Conseguimos assim a melhor informação, conforme sugere Flick (2005) e adequámos a amostra aos objectivos do estudo (Ghiglione & Matalon, 1993) cumprindo-se deste modo as quatro regras preconizadas por Eco (1984): tema do interesse do investigador, fontes acessíveis, fontes e metodologia dentro da experiência do investigador.

Dado que trabalhámos em três regiões do país, Lisboa, Trás-os-Montes e Algarve, a amostra inclui três sub amostras destas regiões.

Os critérios de inclusão são ser estudante universitário na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Lisboa e na Universidade do Algarve e estar disponível para responder por escrito ao *Questionário de Atracção Física Interpessoal de Silva Pinto e UAL (QAFISPUAL)*.

A amostra era inicialmente composta por 579 pessoas.

Houve contudo a necessidade de excluir as que se declararam bissexuais ou homossexuais, dado que alguns objectivos deste estudo podiam apresentar resultados enviesados sem esta exclusão, uma vez que se sabe que muitos itens salientados por homens homossexuais são-no também pelas mulheres.

Quarenta pessoas declararam-se bissexuais ou homossexuais (6,9% da amostra).

A Tabela 1 contém a distribuição da amostra por região e por sexo.

Região	Sexo				Total
	Feminino		Masculino		
	n	%	n	%	
Lisboa	120	56,6	92	43,4	212
Algarve	161	84,3	30	15,7	191
Trás-os-Montes	62	45,6	74	54,4	136
Total	343	63,6	196	36,4	539

Tabela 1. Distribuição da amostra por região e por sexo

Verificamos que cerca de dois terços das pessoas são do sexo feminino.

A distribuição da amostra por idade e sexo encontra-se na Tabela 2.

Idade	Sexo				Total
	Feminino		Masculino		
	n	%	n	%	
17-21 anos	185	34,3	86	16,0	271
22-26 anos	93	17,3	57	10,6	150
27-31 anos	22	4,1	13	2,4	35
32-36 anos	20	3,7	14	2,6	34
37-41 anos	13	2,4	9	1,7	22
42-46 anos	0	0,0	2	0,4	2
47-51 anos	7	1,3	5	0,9	12
52-56 anos	1	0,2	6	1,1	7
56 ou + anos	2	0,4	4	0,7	6
Total	343	63,6	196	36,4	539

Tabela 2. Distribuição da amostra por idade e sexo

Podemos verificar naturalmente que existe uma sobrecarga nos dois escalões mais baixos de idade, 17-21 anos (50,2%, n = 271) e 22-26 anos (27,8%, n = 150) dado tratar-se de uma população de estudantes universitários.

Os participantes distribuem-se por 15 cursos (tabela 3) em que o de licenciatura em Psicologia é o mais representado, com 329 pessoas (61,0% do total da amostra) que se dividem por Lisboa (81,6% da amostra de Lisboa, n = 173) e pelo Algarve (81,7% da amostra do Algarve, n = 156).

Segue-se o curso superior de Educação Física e Desporto Escolar, da UTAD com 78 estudantes (57,4% da amostra daquela região).

Não considerámos necessário excluir da amostra as pessoas de nacionalidade não portuguesa porque eram em número reduzido e porque se sabe que “[...] the cultural factors had a stronger impact on rankings of character traits than they had on ranking of looks” (Lippa, 2007, p. 206), o que permite esperar que não haja distorções notáveis devidas a preferências físicas manifestadas por pessoas de outras nacionalidades.

Região	Curso	n	%
Lisboa	Psicologia	173	81,6
	Direito	9	4,2
	Engenharia informática	10	4,7
	Gestão	9	4,2
	Outros	11	5,2
(n = 212)			
Algarve	Psicologia	156	81,7
	Ciências da Educação e Formação	34	17,8
	Outro	1	0,5
(n = 191)			
Trás-os-Montes	Educação Física e Desporto Escolar	78	57,4
	Reabilitação Psicomotora	33	24,3
	Ciências do Desporto	25	18,4
(n = 136)			

Tabela 3. Distribuição da amostra por região e curso

Na Tabela 4 pode ver-se a distribuição da amostra por nacionalidade, em que apenas 27 pessoas não são portuguesas.

O ano curricular dos diferentes cursos que as pessoas da amostra frequentam apresenta uma distribuição pelas nove possibilidades disponíveis no questionário.

Nacionalidade	n	(%)
Portuguesa	512	95,0
Brasileira	10	1,9
Espanhola	3	0,6
Venezuelana	2	0,4
Alemã	2	0,4
Angolana	2	0,4
Cabo-verdiana	2	0,4
Francesa	2	0,4
Argentina	1	0,2
Guineense	1	0,2
Italiana	1	0,2
Moçambicana	1	0,2
(n = 539)		

Tabela 4. Distribuição da amostra por nacionalidade

Os 3 primeiros anos de licenciatura aparecem claramente destacados. O segundo ano tem 198 pessoas (36,7% da amostra total), o primeiro 151 (28%) e o terceiro 110 (20,4%).

Na Tabela 5 pode ver-se esta distribuição.

Ano curricular	n	%
1.º	151	28,0
2.º	198	36,7
3.º	110	20,4
4.º	65	12,1
5.º	3	0,6
Pós-Graduação	5	0,9
Mestrado	5	0,9
Doutoramento	1	0,2
Erasmus	1	0,2
(n = 539)		

Tabela 5. Distribuição da amostra por ano curricular

Instrumento

Utilizámos um questionário construído por nós, resultante do trabalho feito nos 3 primeiros estudos (relatados na *Psique 3*, 2007), o QAFISPUAL, de que as perguntas 1 e 3 respondem aos objectivos desta investigação (Anexo A).

Os estudos preliminares levados a cabo naquelas três primeiras investigações e o pré teste com a mesma população, permitem-nos avaliar a estrutura do questionário e a compreensibilidade dos itens.

O questionário divide-se em duas partes: perguntas relacionadas com as variáveis sócio-demográficas, clássicas, objectivas, de identificação (Ghiglione & Matalon, 1993) ou de caracterização que se encontram na capa e perguntas de conteúdo (Selltiz, Wrightsman & Cook, 1977).

O primeiro grupo compreende dois tipos de perguntas. Um constituído por duas questões fundamentais para os objectivos desta investigação, que são o sexo, variável determinante para os nossos objectivos e o estabelecimento de ensino que frequenta, enquanto indicador da região do país; o segundo é constituído pelas questões relacionadas com a idade, curso, nacionalidade e ano curricular que frequenta, que se destinam unicamente a caracterizar a amostra.

Nas perguntas 1 e 3, que se relacionam com este relatório, não considerámos necessário ter a precaução referida por Donovan (2003) de operacionalizar o termo *atractivo* ou, neste caso, a palavra *atrai*. Por isso não distinguimos atracção estética, atracção sexual ou atracção com a finalidade de ter uma relação, isto é, não contextualizámos a situação da atracção em termos de atrair porque é belo, ou atrair porque se pretende ter uma relação com a pessoa.

Pensamos que com esta simplificação em nada prejudicámos a correcção de aplicação e não cometemos o erro salientado por Gonzales (2008), que consiste na deficiente explicitação do que se pretende.

A nossa decisão fundamenta-se nas palavras deste mesmo autor, quando diz que se pode entender atracção e que frequentemente os investigadores o fazem, explicitamente como a dimensão estética do que é *atractivo*, dando-lhe por isso o significado de *beleza*. É neste sentido que o tomamos e a aplicação do questionário não motivou, no caso de Lisboa, uma única dúvida, quanto a este aspecto. Não tomámos conhecimento de que algo diferente tivesse ocorrido, deste ponto de vista, nas outras duas regiões.

Comparando as listas por nós utilizadas com os 21 itens da BPSS (*Body Parts Satisfaction Scale*) de Berscheid, Walster e Bohrnstedt, utilizada por Montoya (2007), embora não se possa fazê-lo directamente, dado o facto de a lista daqueles investigadores ser aplicável aos dois sexos e de a designação dos atributos físicos ser por vezes diferente, verificamos que 8 características da nossa lista das mulheres e 8 da dos homens estão contidas naquela, o que confirma a consistência das que usámos.

Considerando que a lista de 15 elementos de atracção física fornecida para cada sexo se divide em três sub categorias: físicos, sexuais e expressivos, os nossos quinze atributos distribuem-se de maneira equilibrada pelas três áreas, nos dois sexos:

- Femininos: físicos (7) – ancas, cabelo, corpo, pernas, pescoço, porte atlético e umbigo; sexuais (3) – rabo, seios e sexo; expressivos (5) – boca, mãos, olhos, rosto e sorriso;
- Masculinos: físicos (7) – cabelo, compleição física, peito, pernas, nádegas, ser alto e tronco; sexuais (3) – pelos no peito, pénis e pilosidades; expressivos (5) – boca, mãos, olhos, rosto e sorriso.

Procedimento

Uma vez construído o questionário, foi feito um pré teste (Ghiglione & Matalon, 1993; Gil, 1994; Hill & Hill, 2002). Se seguirmos a abordagem do pré teste de um questionário preconizada por Ghiglione e Matalon (1993), a primeira fase, isto é a aplicação experimental do instrumento, foi feita a 37 estudantes universitários de ambos os sexos, na UAL. Este número ultrapassa o recomendado, de 10 a 20 (Gil, 1994) e aproxima-se do sugerido por Ghiglione e Matalon (1993) para a segunda aplicação experimental porque quisemos obter uma boa garantia de que o questionário estava bem elaborado no que respeita a: “a) clareza e precisão dos termos, b) forma das questões, c) desmembramento das questões, d) ordem das questões e e) introdução do questionário” (Gil, 1994, p. 133).

Para além disso, esta fase permitiu-nos igualmente verificar o nível de recusas, que não ocorreram, perceber como as pessoas reagiam ao questionário e se a ordem pela qual as perguntas eram feitas lhes colocava alguma dificuldade (Ghiglione & Matalon, 1993).

Dezassete dos participantes eram do sexo masculino (45,9%) e 20 (54,1%) do sexo feminino, tendo 25 (67,5%) idade até aos 26 anos e 12 (32,4%) entre 27 e 48.

A segunda fase do pré teste, sugerida por Ghiglione e Matalon (1993) foi trabalhada com o estatístico, logo após a aplicação preliminar do questionário, de maneira a prevermos “[...] até ao pormenor todas as operações a efectuar com as respostas, depois de estas terem sido recolhidas” (Ghiglione & Matalon, 1993, p. 174).

A aplicação do questionário, para recolha dos dados foi feita em sala de aulas, na quase totalidade dos casos, no decorrer de sessões de trabalho curricular com os alunos, tendo a duração média ficado aquém dos quinze minutos.

Em Lisboa houve cerca de duas dezenas de questionários que foram aplicadas por estudantes que se ofereceram para o fazer. Nestes casos, as respostas foram dadas em situações diferentes, fora da sala de aula, mas com a salvaguarda de preservação do anonimato.

As aplicações asseguraram o preenchimento individual e garantiram o cumprimento dos princípios éticos (Berg, 1998) de preservação de quem responde ao questionário, em termos de desconforto físico e mental e de

ofensas que a investigação possa causar (“Ethical Principles” 1982; Selltitz, Wrightsman & Cook, 1977; Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, s.d.).

Considerámos para análise os resultados com dois dígitos, critério que veio a ser seguido desde o estudo 1 (publicado na *Psique* 3, 2007), pelo que por vezes os testes de Qui² não foram tomados em consideração, dado que se mostraram relevantes em relação a itens cujo resultado era inferior a 10%.

Resultados

Expectativas femininas e escolhas masculinas

As expectativas femininas e as escolhas masculinas são apresentadas na Tabela 6.

	Expectativas		Escolhas	
	n	%	n	%
Ancas (configuração arredondada destacando-se do corpo)	7	2,0	7	3,6
Boca (lábios, dentes, conjunto)	5	1,5	11	5,6
Cabelo (comprimento, textura, cor, etc.)	1	0,3	2	1,0
Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos)	142	41,4	47	24,0
Mãos (forma, delicadeza, alongamento, expressividade)	3	0,9	4	2,0
Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.)	30	8,7	24	12,2
Pernas (forma, proporções, elegância)	8	2,3	5	2,0
Pescoço (esguio, pele delicada, elegante)	1	0,3	0	0,0
Porte atlético (condição física, corpo musculado)	6	1,7	3	1,5
Rabo	45	13,1	16	8,2
Rosto (contornos, conjunto, beleza)	29	8,5	27	13,8
Seios (volume, forma, sustentação)	44	12,8	29	14,8
Sexo (vulva, púbis)	9	2,6	9	4,6
Sorriso	11	3,2	9	4,6
Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas)	2	0,6	3	1,5
Total	(343)	100,0	(196)	100,0

Tabela 6. Expectativas femininas e escolhas masculinas

Existe uma associação estatisticamente significativa entre respostas e sexo para o conjunto dos participantes ($\chi^2 = 33.584$, $gl = 14$, $p = .002$) para o que contribuem principalmente as respostas das mulheres a indicarem mais o corpo e menos a boca e as dos homens a escolherem mais a boca e menos o corpo.

A boca contudo não é uma característica física relevante para o nosso estudo, uma vez que as indicações que recebeu ficam muito abaixo dos 10%.

Os dois elementos a seguir mais escolhidos, rabo e seios, são partes do corpo que, no senso comum e na tradição (Lavrakas, 1975) são tidos como apreciados pelos homens, o que indica que a mulher se apercebe do que aqueles valorizam, ainda que no caso do primeiro elemento isso não aconteça (822%, n = 16). Quanto às escolhas masculinas, aparecem quatro itens destacados, sendo um físico, o corpo, também aqui o mais indicado, com perto do dobro das escolhas dos três seguintes; um sexual, os seios e dois expressivos, o rosto e os olhos/olhar.

A Tabela 7 apresenta os resultados das expectativas femininas por região.

	Região					
	Lisboa		Algarve		Trás-os-Montes	
	n	%	n	%	n	%
Ancas (configuração arredondada destacando-se do corpo)	2	1,7	4	2,5	1	1,6
Boca (lábios, dentes, conjunto)	2	1,7	3	1,9	0	0,0
Cabelo (comprimento, textura, cor, etc.)	0	0,0	0	0,0	1	1,6
Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos)	41	34,2	70	43,5	31	50,0
Mãos (forma, delicadeza, alongamento, expressividade)	2	1,7	1	0,6	0	0,0
Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.)	12	10,0	1	6,8	7	11,3
Pernas (forma, proporções, elegância)	4	3,3	4	2,5	0	0,0
Pescoço (esguio, pele delicada, elegante)	0	0,0	1	0,6	0	0,0
Porte atlético (condição física, corpo musculado)	2	1,7	4	2,5	0	0,0
Rabo	16	13,3	19	11,8	10	16,1
Rosto (contornos, conjunto, beleza)	12	10,0	15	9,3	2	3,2
Seios (volume, forma, sustentação)	22	18,3	18	11,2	4	6,5
Sexo (vulva, púbis)	1	0,8	5	3,1	3	4,8
Sorriso	4	3,3	5	3,1	2	3,2
Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas)	0	0,0	1	0,6	1	1,6
Total	(120)	100,0	(161)	100,0	(62)	100,0

Tabela 7. Expectativas femininas (o que pensam ser atractivo em si), por região

Verificamos que dois itens, corpo e rabo, são partilhados pelas três regiões, nos dois primeiros lugares das expectativas das mulheres, não havendo outras consistências entre todas elas.

Na Tabela 8 apresentam-se os resultados das escolhas dos homens, por região.

Vemos que apenas um elemento, o corpo, é considerado pelos homens das três regiões como sendo um item de preferência nas mulheres, ficando em primeiro lugar em todas elas.

Depois, surgem outros itens que são diferentemente indicados nas três regiões (boca, olhos, rosto e seios).

	Região					
	Lisboa		Algarve		Trás-os-Montes	
	n	%	n	%	n	%
Ancas (configuração arredondada destacando-se do corpo)	6	6,5	1	3,3	0	0,0
Boca (lábios, dentes, conjunto)	6	6,5	3	10,0	2	2,7
Cabelo (comprimento, textura, cor, etc.)	0	0,0	2	6,7	0	0,0
Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos)	17	18,5	7	23,3	23	31,1
Mãos (forma, delicadeza, alongamento, expressividade)	2	2,2	1	3,3	1	1,4
Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.)	16	17,4	3	10,0	5	6,8
Pernas (forma, proporções, elegância)	5	5,4	0	0,0	0	0,0
Pescoço (esguião, pele delicada, elegante)	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Porte atlético (condição física, corpo musculado)	1	1,1	1	3,3	1	1,4
Rabo	8	8,7	1	3,3	7	9,5
Rosto (contornos, conjunto, beleza)	5	5,4	6	20,0	16	21,6
Seios (volume, forma, sustentação)	16	17,4	2	6,7	11	14,9
Sexo (vulva, púbis)	4	4,3	2	6,7	3	4,1
Sorriso	6	6,5	1	3,3	2	2,7
Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas)	0	0,0	0	0,0	3	4,1
Total	(92)	100,0	(30)	100,0	(74)	100,0

Tabela 8. Escolhas dos homens, por região

Expectativas masculinas e escolhas femininas

A Tabela 9 contém os dados referentes às expectativas dos homens e escolhas das mulheres.

Existe associação entre respostas e o sexo, para a totalidade dos participantes ($\chi^2 = 76.092$, $gl = 14$, $p = .000$) para o que contribuem principalmente as respostas dos homens indicando expectativas mais fortes nos itens compleição física, nádegas e pênis (2 físicos e 1 sexual) e das mulheres nos itens olhos e mãos (2 expressivos).

Os itens nádegas, pênis e mãos têm indicações muito inferiores a 10% pelo que não são relevantes para o estudo.

As cinco expectativas mais apontadas dividem-se em duas categorias. Uma, constituída pela compleição física (35,2%, $n = 69$) e pelo tronco musculoso e em "V" (10,2%, $n = 20$) insere-se claramente no padrão mais físico. Mas a outra, em que se enquadram os olhos, o rosto e o sorriso (10,7%, $n = 21$, cada um), está mais claramente ligada ao padrão menos físico e mais expressivo habitualmente indicado pelas mulheres, não havendo expectativas sexuais.

	Expectativas masculinas		Escolhas femininas	
	n	n	n	n
Boca (lábios, dentes, conjunto)	9	4,6	19	5,5
Cabelo (textura, cor, etc.)	0	0,0	3	0,9
Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo)	69	35,2	53	15,5
Mãos (forma, força, alongamento, expressividade)	1	0,5	14	4,1
Nádegas (forma, volume, textura, musculatura)	12	6,1	4	1,2
Olhos/olhar (forma, cor, expressão)	21	10,7	104	30,3
Peito (musculatura, forma, desenvolvimento)	6	3,1	11	3,2
Pelos no peito	1	0,5	1	0,3
Pênis (vulto visível, tamanho grande)	11	5,6	5	1,5
Pernas (forma, proporções, musculatura)	0	0,0	4	1,2
Pilosidades (cabelo e pilosidade geral do corpo)	0	0,0	1	0,3
Rosto (contornos, conjunto, aspecto másculo)	21	10,7	44	12,8
Ser alto	4	2,0	4	1,2
Sorriso	21	10,7	54	15,7
Tronco (ombros largos, forma em "V", musculatura)	20	10,2	22	6,4
Total	(196)	100,0	(343)	100,0

Tabela 9. Expectativas masculinas e escolhas femininas

As escolhas femininas seguem o mesmo padrão, com três indicações em itens expressivos (olhos, sorriso e rosto) e a compleição física, da categoria dos itens mais físicos.

Os resultados do estudo das expectativas dos homens, por região, são apresentados na Tabela 10.

	Região					
	Lisboa		Algarve		Trás-os-Montes	
	n	%	n	%	n	%
Boca (lábios, dentes, conjunto)	6	6,5	3	10,0	0	0,0
Cabelo (textura, cor, etc.)	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo)	27	29,3	13	43,3	29	39,2
Mãos (forma, força, alongamento, expressividade)	0	0,0	0	0,0	1	1,4
Nádegas (forma, volume, textura, musculatura)	6	6,5	0	0,0	6	8,1
Olhos/olhar (forma, cor, expressão)	14	15,2	1	3,3	6	8,1
Peito (musculatura, forma, desenvolvimento)	3	3,3	1	3,3	2	2,7
Pelos no peito	0	0,0	0	0,0	1	1,4
Pénis (vulto visível, tamanho grande)	9	9,8	1	3,3	1	1,4
Pernas (forma, proporções, musculatura)	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Pilosidades (cabelo e pilosidade geral do corpo)	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Rosto (contornos, conjunto, aspecto masculino)	8	8,7	2	6,7	11	14,9
Ser alto	2	2,2	1	3,3	1	1,4
Sorriso	9	9,8	5	16,7	7	9,5
Tronco (ombros largos, forma em "V", musculatura)	8	8,7	3	10,0	9	12,2
Total	(92)	100,0	(30)	100,0	(74)	100,0

Tabela 10. Expectativas masculinas (o que pensam ser atractivo em si), por região

É em Lisboa que se regista a maior concentração de indicações, em apenas dois itens destacados com mais de 10% (compleição física e olhos), sendo que a compleição física, que foi indicada em primeiro lugar, é partilhada e claramente ultrapassada pelas outras duas regiões e os olhos não têm expressão marcada nestas.

Na região sul, destacam-se três outros elementos, para além da compleição física, o sorriso com 5 indicações (16,7%) e a boca e o tronco com 3 (10%).

A amostra de Trás-os-Montes, para além da compleição física (39,2%, n = 29), destaca mais dois itens, o rosto (14,9%, n = 11) e o tronco (12,2%, n = 9).

A Tabela 11 mostra os resultados das escolhas femininas, por região.

Quatro elementos foram destacados pelas mulheres das três regiões: a compleição física, os olhos, rosto e o sorriso, sendo os olhos o primeiro nas três regiões.

	Região					
	Lisboa		Algarve		Trás-os-Montes	
	n	%	n	%	n	%
Boca (lábios, dentes, conjunto)	7	5,8	11	6,8	1	1,6
Cabelo (textura, cor, etc.)	2	1,7	0	0,0	1	1,6
Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo)	14	11,7	25	15,5	14	22,6
Mãos (forma, força, alongamento, expressividade)	3	2,5	10	6,2	1	1,6
Nádegas (forma, volume, textura, musculatura)	2	1,7	2	1,2	0	0,0
Olhos/olhar (forma, cor, expressão)	43	35,8	46	28,6	15	24,2
Peito (musculatura, forma, desenvolvimento)	4	3,3	5	3,1	2	3,2
Pelos no peito	0	0,0	1	0,6	0	0,0
Pénis (vulto visível, tamanho grande)	2	1,7	3	1,9	0	0,0
Pernas (forma, proporções, musculatura)	2	1,7	2	1,2	0	0,0
Pilosidades (cabelo e pilosidade geral do corpo)	0	0,0	1	0,6	0	0,0
Rosto (contornos, conjunto, aspecto másculo)	15	12,5	21	13,0	8	12,9
Ser alto	3	2,5	1	0,6	0	0,0
Sorriso	20	16,7	20	12,4	14	22,6
Tronco (ombros largos, forma em "V", musculatura)	3	2,5	13	8,1	6	9,7
Total	(120)	100,0	(161)	100,0	(62)	100,0

Tabela 11. Escolhas femininas (o que acham atractivo nos homens), por região

Discussão

Expectativas femininas e escolhas masculinas

Analisando os dados percebemos que as expectativas principais das mulheres, quanto ao que nelas atrai os homens, para além do corpo, englobam aspectos sexuais (rabo em segundo lugar e seios em terceiro) que anteriormente eram prioritariamente valorizados pelos homens, apontando para uma maior atenção aos aspectos mais físicos e mesmo sexualizados e deixando de lado itens expressivos, como os olhos (8,7%, n = 30). Isto é consistente com a proposta de Touraine (2007) de que o objectivo fundamental da mulher actual é construir-se a si própria, tendo por base a sexualidade.

A elevada expectativa das mulheres no item corpo (41,4%, n = 142) é claramente confirmada pelas escolhas dos homens, ainda que estas sejam pouco superiores a metade das expectativas delas (24%, n = 47).

A expectativa na característica seios (12,8%, n = 44) é confirmada com percentagem superior de escolhas dos homens (14,8%, n = 29), mas a expectativa no item rabo (13,1%, n = 45) obtém escolhas masculinas abaixo dos 10% (8,2%, n = 16).

As mulheres em Lisboa indicam expectativas na característica rosto, que as das amostras das outras regiões não indicaram e no item olhos, o que significa a inclusão de duas expectativas expressivas nesta região; isto contrasta com os resultados das outras, em que a amostra do Algarve, apresenta duas características sexuais e uma física e a de Trás-os-Montes uma física, uma expressiva e uma sexual.

A desvalorização do item físico porte atlético em Trás-os-Montes é interessante, uma vez que naquela região a amostra é constituída por estudantes de cursos ligados a educação física e ao desporto, mas isso não é expresso pelas expectativas das mulheres ligadas à musculatura.

Podemos pois concluir que as expectativas femininas mostram o aumento de indicações sexuais e diminuição das expressivas, o que parece ser uma aproximação ao que os homens tradicionalmente escolhiam.

Quanto às escolhas dos homens, para além do item corpo e da característica seios, apontam o item rosto em terceiro lugar (13,8%, n = 27) e o item olhos em quarto (12,2%, n = 24), mostrando assim uma aproximação à maior

expressividade dos itens anteriormente escolhidos pelas mulheres, em detrimento dos sexuais e físicos.

Analisando a Tabela 10 observamos que as escolhas da amostra do Algarve são as menos sexualizadas, com um item físico e três expressivos (corpo, boca, rosto e olhos) enquanto as de Lisboa e de Trás-os-Montes apresentam um físico, um expressivo e um sexual cada uma (corpo, olhos e seios, no caso de Lisboa e corpo, rosto e seios, no de Trás-os-Montes).

A característica ancas não é valorizada pelos homens da amostra, uma vez que não é indicada com frequência acima dos 10%, colhendo mesmo como percentagem mais elevada a das escolhas dos homens em Lisboa, com 6,5%. Isto contraria alguns estudos (Singh, s.d.) acerca da relação-cintura-anca (Braun & Bryan, 2006; Carey, 2006) ainda que se verifique que os homens com sócio-sexualidade restrita tendem a indicar menos este item (Brase & Walker, 2004) e este aspecto comportamental não possa ser verificado nos nossos dados.

Parece confirmar-se a ideia de Ariès (citado por Vincent, 1991), de que a tendência actual é para as mulheres perderem as formas arredondadas e passar a haver um modelo único idêntico ao do rapaz.

Em conclusão, verificamos que as escolhas dos homens mantêm a preferência pelo corpo e seios, descem muito quanto ao que respeita aos itens rabo e vagina e sobem relativamente aos olhos.

Há assim atenuação das indicações sexuais e aumento das expressivas, configurando uma aproximação às preferências expressivas tradicionais nas mulheres.

Em termos de consistência com os estudos 1 e 3 (relatados na Revista *Psique* 3, 2007) verificamos que as expectativas femininas confirmam a indicação do corpo (elegância no estudo 1). Do mesmo modo confirmam as expectativas nos seios e nádegas, (indicados no estudo 1, mas perdidos no estudo 3) aumentando claramente a do rosto e diminuindo em muito a que haviam manifestado nos olhos, configurando o abandono do item preferencial anteriormente (os olhos) e a manutenção das indicações sexuais.

Expectativas masculinas e escolhas femininas

As expectativas dos homens centram-se em três indicações expressivas (olhos, rosto e sorriso) e duas físicas (compleição física e tronco) verificando-se o abandono total das indicações sexuais.

Os itens rosto, olhos e sorriso são elementos expressivos, portanto dentro do padrão tradicional de preferências femininas. Estas expectativas são coerentes com o facto de os homens actualmente se identificarem pouco com a masculinidade tradicional, ainda que sejam influenciados por ela (Martinho, 2004) fugindo assim do anterior tipo de indicação totalmente nos aspectos mais físicos e/ou sexuais.

A dinâmica facial mostrou-se determinante na tomada de decisão que envolve confiar e cooperar (Krumhuber et al., 2007) e o rosto é, juntamente com o corpo, um elemento de predição da atracção geral das pessoas (Mueser et al., 1984).

Então estas expectativas são consistentes com a posição de Martinho acima referida, com pequena identificação com a masculinidade tradicional, física e sexual, privilegiando itens expressivos em detrimento de outros mais físicos e sexuais.

Também o papel do sorriso na atracção interpessoal é tratado pela psicologia social (Freitas-Magalhães, 2006; Gueguen & De Gail, 2003) e com perspectivas desiguais para homens e mulheres.

De facto, os homens e as mulheres descrevem-se em função dos seus sorrisos, de maneira diferente, tendo-se verificado que eles se acham simpáticos e sociáveis, quando os mostram, enquanto elas se consideram retraídas, conformistas com os outros e desconfortáveis nas relações sociais por os mostrarem (Freitas-Magalhães, 2006).

Comparando os resultados do item sorriso aqui obtidos (10,7%, n = 21 nas expectativas dos homens e 15,7%, n = 54 nas escolhas das mulheres), com os das expectativas femininas (3,2%, n = 11) e escolhas masculinas (4,6%, n = 16), somos levados a admitir que se possa justificar estas baixas percentagens através da explicação de Freitas-Magalhães (2006) acima exposta, com a desvalorização deste item para as mulheres e a valorização para os homens, valorização esta agora expressa nas expectativas destes e nas escolhas femininas.

Por regiões verificamos que há consistência total quanto ao item compleição física, mas a partir dele há diferenças, com todas as regiões a indicarem pelo menos um item expressivo.

Em conclusão, podemos dizer as expectativas dos homens se alteraram profundamente, reportando-se agora maioritariamente a itens expressivos e depois a físicos, com abandono absoluto dos sexuais.

Comparando os nossos resultados com os obtidos por Lavrakas, pelo estudo 1 e estudo 3 (relatados na *Psique 3*, 2007), vemos que em relação ao primeiro há consistência nas expectativas masculinas em itens físicos, mas total desajustamento em relação às expectativas expressivas agora manifestadas e ao abandono do item pénis.

Atendendo a que o estudo 1 tinha sido consistente com as expectativas mostradas em Lavrakas, o comentário é idêntico.

No que respeita ao estudo 3 vemos que os actuais resultados são consistentes com os daquele quanto à compleição física, tronco e rosto, mas que o rabo então indicado, deixou de ser expectativa actual e, em contrapartida, o estudo 4 inclui os olhos e o sorriso que aquele não contemplava.

Quanto às escolhas femininas, centram-se em três itens expressivos (olhos, rosto e sorriso) e um físico (compleição física) confirmando assim estas quatro expectativas dos homens e não confirmando apenas a do tronco, mantendo assim a preferência pela expressividade masculina e pelo aspecto físico geral.

Verificamos que existe consistência total em relação aos quatro itens mais escolhidos nas quatro regiões (compleição física, olhos, rosto e sorriso), embora a ordem de preferência não seja a mesma, excepto para o item olhos que é sempre o primeiro.

A frequência de cursos ligados ao desporto parece ter maior repercussão nas indicações masculinas e femininas em relação aos homens do que às mulheres.

Concluindo, vemos que as escolhas femininas apontam maioritariamente a expressividade, acompanhada por um item físico geral, confirmando a teoria evolucionista que diz que a mulher prefere no homem a robustez física que lhe permita obter meios para criar os filhos, neste caso a compleição física e aquilo que lhe permite descodificar as suas intenções quanto à estabilidade futura e à disponibilidade para criar os filhos, neste estudo os olhos, rosto e

sorriso (Geary, Vigil, Byrd-Craven, 2004; Lippa, 2007; Miller, Pearlman & Brehm, 2007; Neto, 2000; Volland, 1993).

As escolhas femininas confirmam genericamente a tendência mostrada no trabalho de Lavrakas (expressividade e aspecto geral do corpo).

Quanto ao estudo 3, verificamos que as escolhas agora feitas pelas mulheres confirmam totalmente as daquela investigação e acrescentam o item compleição física então não indicado.

Estudo qualitativo e conclusões gerais

Dado que alguns resultados não são suficientemente explicados pelos dados quantitativos, fizemos quatro entrevistas. Um homem e uma mulher do escalão etário dos 20-24 anos, que corresponde à média aproximada de idade da amostra e um homem e uma mulher do dos 40-44 anos, escalão de mais 20 anos, correspondendo aproximadamente aos que tinham 20-24 quando iniciámos estas investigações (há 17 anos).

Interessava-nos recolher material que apontasse pistas para a explicação de resultados como: (1) variação das expectativas e escolhas de homens e mulheres ao longo do tempo; (2) alteração das escolhas femininas, agora menos expressivas e mais físicas e sexuais; (3) alteração das escolhas masculinas agora mais expressivas.

Sabemos que as alterações do comportamento de escolha podem ser explicadas através das abordagens fundamentadas nos contextos sócio-psicológicos, que dizem que a ênfase que se dá às expectativas do sujeito e dos agentes de socialização em situações sociais particulares pode explicar as mudanças de comportamento em ambos os sexos (Vieira, 2006) e importava saber o que realmente estaria a proporcionar ou a facilitar essas mudanças.

Por outro lado, Lippa (2007) admite que, com a progressiva independência económica e social da mulher, esta passe a dar prioridade nas suas escolhas a aspectos mais lúdicos e hedonistas e menos ligados à necessidade de segurança, mas as escolhas femininas mantiveram uma clara ligação à expressividade, ainda que no estudo 4 a ser acompanhada pelo aspecto físico geral que já se manifestara em Lavrakas e de maneira menos clara (com apenas 9%) no estudo 1.

As entrevistas levam-nos a sugerir que:

- É bastante clara, ainda que naturalmente escassa do ponto de vista do suporte quantitativo, a convicção de que algo está a mudar e de que os homens começam a apontar itens físicos preferenciais de natureza expressiva, na mulher. Há alguma variação nas explicações em detalhe, mas é evidente a crença de que eles estão a libertar-se de amarras ligadas ao machismo e à necessidade de indicarem itens sexuais e/ou físicos, devida à pressão social tradicional.
- A nova pressão social, sob a forma de publicidade, ou outra maciçamente transmitida, provoca nas pessoas decisões que não são as que verdadeiramente correspondem às suas preferências. Desempenham um papel de adaptação ao que a sociedade supostamente espera que se prefira, o que a confirmar-se pode configurar uma descaracterização pessoal em favor de uma espécie de moldagem social do chamado “politicamente correcto”.
- É clara a concordância das ideias do homem e da mulher do escalão baixo de idade, de que a libertação da mulher das amarras sociais tradicionais está a causar alguma perturbação nos homens e a fazê-los sentirem-se ameaçados, ou mesmo com medo. Isso leva-os a refugiar-se nos itens expressivos como forma de tentarem obter indicações que lhes dêem segurança relativamente à mulher, o que, a confirmar-se configura uma inversão na relação de forças entre homens e mulheres que tradicionalmente estabelecia o equilíbrio entre os dois sexos.

Isto parece-nos ser do maior interesse social, dado poder vir a criar situações inesperadas e surpreendentes se não for devida e oportunamente estudado e trabalhado.

Como conclusões gerais deste estudo e da comparação dos dados com os estudos anteriores, podemos dizer que:

1. Analisando a evolução das expectativas e preferências de homens e mulheres vemos que:

- Nos homens há aumento das expectativas expressivas, manutenção das físicas e anulação das sexuais; e quanto às preferências há aumento das expressivas e diminuição das físicas e sexuais.

– Nas mulheres verificamos diminuição das expectativas expressivas, manutenção das físicas e quanto às sexuais houve uma anulação no estudo 3 e indicação de 2 no estudo 4, tal como no estudo 1; quanto às preferências verificamos aumento das expressivas, manutenção das físicas e continuação de não escolhas sexuais.

Portanto os homens apontam recentemente expectativas mais alargadas em itens expressivos, seguidas de físicos e abandonam os sexuais.

As mulheres têm um comportamento mais variável, que aponta para aumento da expressividade nas preferências sobre os homens e diminuição nas expectativas, mantendo a expectativa física e oscilando a sexual.

Isto parece configurar um movimento de aparente aproximação, mas de real cruzamento e afastamento no que respeita a expectativas femininas e preferências dos homens, com eles a crerem na expressividade das mulheres e a esperarem menos do físico e do sexual e elas a valorizarem cada vez mais os aspectos físicos e sexuais do seu corpo, diminuindo a expectativa na expressividade.

2. Esta situação, a confirmar-se é preocupante por configurar a perda de uma oportunidade de aproximação entre homens e mulheres para uma sociedade mais homogênea e equilibrada, podendo mesmo vir a tornar-se mais um elemento de afastamento e eventualmente de desacordo e dificuldade de entendimento.

3. Os homens continuam a manifestar uma maior preferência pelo físico do que as mulheres e estas maior preferência pelo expressivo do que os homens.

4. Relativamente à consistência entre expectativas masculinas e escolhas femininas, verificou-se que, com a aproximação das expectativas dos homens às preferências das mulheres, a consistência aumentou.

Parece pois que neste aspecto estamos perante uma situação de aproximação, de entendimento e harmonia.

Referências

- ABREU, J.L.P. (2007). *Quem nos faz como somos*, 3.^a ed. Lisboa: Dom Quixote.
- ALBERONI, F. (2006). *Sexo e amor*. Lisboa: Bertrand Editora.
- ALFERES, V.R. (1993). Atracção interpessoal, sexualidade e relações íntimas. In: J. Vala & M.B. Monteiro (coord.), *Psicologia social*, pp. 113-139. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- AMÂNCIO, L. (1988). Dimensões de comparação e discriminação [sic] intergrupos – Uma abordagem psicossociológica das relações entre grupos “dominantes” e “dominados”. *Análise Psicológica* 6 (3-4), 307-319.
- AMÂNCIO, L. (1994). *Masculino e feminino*. Porto: Edições Afrontamento.
- ANDERSON, W.A. & PARKER, B.P. (1971). *Uma introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- ATKINSON, R.L., ATKINSON, R.C., SMITH, E.E., BEM, D.J. & NOLEN-HOEKSEMA, S: (s.d.). *Introduction to psychology*. Orlando: bHarcourt Brace College Publishers.
- AYMARD, M. (1990). Amizade e convivialidade. In: P. Ariés & G. Duby (dir.), (1990b). *História da vida privada.: Do renascimento ao século das luzes* (vol. III, pp. 455-499). Lisboa: A frontamento.
- BAKER, R. (1996). *As guerras do esperma*, 1.^a ed. Lisboa: Vega
- BARASH, D.P. & LIPTON, J.E. (2002). *O mito da monogamia – Fidelidade e infidelidade nos animais e nos seres humanos*, 1.^a ed. Cascais: Sinais de Fogo.
- BARON, R.A. & KALSHER, M.J. (2005). *Psychology*. Boston: Pearson Education.
- BERG, B.L. (1998). *Qualitative Research Methods for the Social Sciences* (3rd ed.). Toronto: Allyn and Bacon.
- BERRY, D.S. (1991). Attractive faces are not all created equal: Joint effects of facial babyshness and attractiveness on social perception [Electronic version]. *Personality and Social Psychology Bulletin* 17 (5), 523-531.
- BERSCHIED, E. & WALSTER, E. (1974). Physical attractiveness. In: L. Berkovitz (ed.), *Advances in Experimental Social Psychology*. Vol. 7. Retrieved April 10, 2008 from http://faculty.babson.edu/krollag/org_sitepsych/berscheid_attract.html.
- Bíblia Sagrada*. (1968). Lisboa: Depósito de Escrituras Sagradas.
- BLOUNT-NUSS, G., CATE, K.L. & LATTIMER, H. (2006). G.I. average Joe: The clothes do not necessarily make the man [Electronic version]. *JASNH* 4 (1), 9-16.
- BOURDIEU, P. & PASSERON, J.C. (s.d.). *A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Lisboa: Editorial Veja.

- BRASE, G.L. & WALKER, G. (2004). Male sexual strategies modify ratings of female models with specific waist-to-hip ratios [Electronic version]. *Human Nature* 15(2), 209-224.
- BRAUN, M.F. & BRYAN, A. (2006). Female waist-to-hip and male waist-to-shoulder ratios as determinants of romantic partner desirability [Electronic version]. *Journal of Social and Personal Relationships* 23 (5), 805-819.
- BRIZENDINE, Dr.^a L. (2006). *Como as mulheres pensam*. Rio de Janeiro: Editora Campus/Elsevier.
- BRIZENDINE, L. (2007). *O cérebro feminino*. Lisboa: Alêtheia Editores.
- BRUDERECK, J. (2008). *Is a Kiss Just a Kiss?* Retrieved March 25, 2008 from <http://Readingeagle.com/article.aspx?id=80249>.
- BUSS, D.M. & BARNES, M. (1986). Preferences in human mate selection [Electronic version]. *Journal of Personality and Social Psychology* 50 (3), 559-570.
- CAETANO, A. (1978). *Sobre a comunicação interpessoal*. Lisboa: Ulmeiro.
- CAREY, B. (2006). *The Rules of Attraction in the Game of Love*. Retrieved March 25, 2008 from http://www.livescience.com/health/060213_attraction_rules.html.
- CARRADA, G. & JANNINI, E.A. (s.d.). *A ciência do amor*. Albufeira: Edições Poseidon, Lda.
- CERCLÉ, A. & SOMAT, A. (s.d.). *Manual de psicologia social*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CHAPLIN, J.P. (1981). *Dicionário de psicologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- CORBIN, A. (1990). A relação íntima ou os prazeres da troca. In: P. Ariés & G. Duby, (dir.), *História da vida privada: Da revolução à Grande Guerra* (vol. IV, pp. 503-561). Lisboa: Afrontamento.
- DEAUX, K. & LAFRANCE, M. (1998). Gender. In: D.T. Gilbert, S.T. Fiske & G. Lindzei (ed.), *The Handbook of Social Psychology* (vol. II, pp. 788-827). New York: McGraw-Hill.
- DONOVAN, J.M. (2003). Facial attractiveness: Evolutionary, cognitive and social perspectives. [Electronic version – Book review]. *Human Nature Review* 3, 226-228.
- DURANDIN, G. (1956). Propagande et publicité. In : Piéron, H., Coumétou, M., Durandin, G. & De Montmollin, G., *Le maniement humain* (pp. 1161-1195). Paris: Presses Universitaires de France.
- EASTWICK, P.W. & FINKEL, E.J. (2007). Sex differences in mate preferences revisited: Do people know what they initially desire in a romantic partner? [Electronic version]. *Journal of Personality and Social Psychology* 94 (2), 245-264.
- ECO, U. (1984). *Como se faz uma tese em ciências humanas*, 3.^a ed. Lisboa: Presença.
- Ethical Principles in the Conduct of Research with Human Participants* (1987). Washington, DC: American Psychological Association.

- FEINGOLD, A. (1990). Gender differences in effects of physical attractiveness on romantic attraction: A comparison across five research paradigms [Electronic version]. *Journal of Personality and Social Psychology* 59 (5), 981-993.
- FLICK, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*, 1.ª ed. Lisboa: Monitor.
- FOREST, M de la, Duran, D. & Corman, A. (2004). *Fantasmas com que sonham as mulheres*, 1.ª ed. Lisboa: Livros do Brasil.
- FREDERICK, D.A., FESSLER, D.M.T. & HASELTON, M.G. (2004). Do representations of male muscularity differ in men's and women's magazines? [Electronic version]. *Body Image* 2, 81-86.
- FREEDMAN, J.L., CARLSMITH, J. M. & SEARS, D.O. (1977). *Psicologia social*. São Paulo: Cultrix.
- FREITAS-MAGALHÃES, A. (2006). *A psicologia do sorriso humano*. Porto: Laboratório de Expressão Facial da Emoção, Universidade Fernando Pessoa.
- GEARY, D.C., VIGIL, J. & BYRD-CRAVEN, J. (2004). Evolution of human mate choice [Electronic version]. *The Journal of Sex Research* 41 (1), 27-42.
- GHIGLIONE, R. & MATALON, B. (1993). *O inquérito*, 2.ª ed. Oeiras: Celta Editora.
- GIL, A.C. (1994). *Métodos e técnicas de pesquisa social*, 4.ª ed. São Paulo: Editora Atlas.
- GOLDHILL, S. (2006). *Amor, sexo e tragédia*. Lisboa: Alêtheia Editores.
- GONZALES, C.L. (2008). First impressions: the effect of physical attractiveness and personality on relationships. Retrieved March 25, 2008 from <http://clearinghouse.missouriwestern.edu/manuscripts/197.asp>.
- GOODE, W.J. & HATT, P.K. (1979). *Métodos em pesquisa social*, 7.ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- GUEGEN, N. & DE GAIL, M.-A. (2003). The effect of smiling on helping behavior: Smiling and good samaritan behavior. Retrieved April 8, 2008 from <http://www.questia.com/googleScholar.qst;jsessionid = H7GT124CcVBTGv15vCmJx...>
- HÉRITIER, F. (s.d.). *Masculino feminino: O pensamento da diferença*. Lisboa: Instituto Piaget.
- HERZ, R. (2008). *O aroma do desejo*, 1.ª ed. Cruz Quebrada: Estrela Polar.
- HILL, M.M. & HILL, A. (2002). *Investigação por questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- HITE, S. (2004). *O orgulho de ser mulher* (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Sextante.
- HOUEL, A. (2001). *O adultério no feminino e o seu romance*. Porto: Âmbar.
- JAVEAU, C. (1986). *Leçons de sociologie*. Paris: Meridiens Klincksieck.
- JOHNSON, K.L., LURYE, L.E. & FREEMAN, J.B. (2008). Gender typically and extremity in popular culture. In: R.S. Rosenberg (ed.), *The Psychology of Superheroes – Un Unauthorized Exploration* (pp. 229-244). Dalas: BenBella Books.

- KIMURA, D. (2004). *Sexo e cognição*, 1.^a ed. Lisboa: Gradiva
- KRUMBHUBER, E., MANSTEAD, A.S.R., COSKER, D., MARSHALL, D., ROSIN, P.L. & KAPPAS, A. (2007). Facial dynamics as indicators of trustworthiness and cooperative behavior [Electronic version]. *Emotion* 7 (4), 730-735.
- LAVRAKAS, P.J. (1975). Female preferences for male physiques [Electronic version]. *Journal of Research in Personality* 9 (4), 324-334.
- LEE, L., LOWENSTEIN, G., ARIELY, D., HONG, J. & YOUNG, J. (2008). *Beauty bias: Can people love the one they are compatible with?* Retrieved March 25, 2008 from <http://www.sciencedaily.com/releases/2008/02/080211094943.htm>.
- LESSARD-HÉBERT, M., GOYETTE, G. & BOUTIN, G. (s.d.). *Investigação qualitativa*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LEVAY, S. (1993). *Sexualidade e cérebro*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1980). *Raça e história*. Lisboa: Editorial Presença.
- LEYENS, J.-P. & YZERBIT, V. (2004). *Psicologia social*. Lisboa: Edições 70.
- LIPPA, R.A. (2007). The preferred traits of mates in a cross-national study of heterosexual and homosexual men and women: An examination of biological and cultural influences [Electronic version]. *Arch Sex Behav* 36, 193-208.
- MARQUES, A. (2004). *Mulheres de papel*. Lisboa: Livros Horizonte
- MARTIN, D. & BOECK, K. (2002). *O que é a inteligência emocional*, 2.^a ed. Lisboa: Pergaminho.
- MARTINHO, T. (2004). Viver jovem, morrer depressa: Masculinidade e condução de risco. In: L. Amâncio (org.), *Aprender a ser homem. Construindo masculinidades* (pp. 75-90). Lisboa: Livros Horizonte.
- MCCROSKEY, J.C. & MCCAIN, T.A. (2008). *The measurement of interpersonal attraction*. Retrieved July 20, 2008 from <http://jamescmccroskey.com/publications/57.htm>
- MICHENER, H.A., DELAMATER, J.D. & MYERS, D.J. (2005). *Psicologia social*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- MILLER, R.S., PERLMAN, D. & BREHM, S.S. (2007). *Intimate Relationships*. New York: McGraw-Hill.
- MÓNICO, L. dos S. (2005). Repercussões da autopercepção da beleza física no recurso e percepção de eficácia de estratégias de auto-apresentação em contextos de sedução. *Motriz, Rio Claro*, 11(1), 57-70.
- MONTEIRO, M.B. (1993). Conflito e cooperação nas relações intergrupais. In: J. Vala & M.B. Monteiro (coord.), *Psicologia social* (pp. 309-352). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MONTROYA, R.M. (2007). Gender similarities and differences in preferences for specific body parts [Electronic version]. *Current Research in Social Psychology* 13 (1), 133-144.

- MUESER, K.T., GRAU, B.W., SUSSMAN, S. & ROSEN, A.J. (1984). You're only as pretty as you feel: Facial expression as a determinant of physical attractiveness [Electronic version]. *Journal of Personality and Social Psychology* 46 (2), 469-478.
- MULDWORF, B. (1975). *Para uma sociedade erótica*. Lisboa: Arcádia.
- NETO, F. (2000). *Psicologia social*. Vol. 2. Lisboa: Universidade Aberta.
- NOELLE-NEUMANN, E. (1974). The spiral of silence: A theory of public opinion. *Journal of Communication* 24, 43-51.
- NOSSINTCHOUK, R. (1998). *O éxtase e a ferida – Crimes e violências sexuais da Antiguidade aos nossos dias*, 1.ª ed. Lisboa: Dom Quixote.
- PEREZ, R.M. (1995). The myth of the wild woman. In: L. Amâncio & C. Nogueira (ed.), *Gender Management and Science* (pp. 57-63). Braga: Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia.
- PERRETT, D. (2008). Face Value. *Science & Nature: Human Body and Mind*. [Homepage]. Retrieved July 20, 2008 from <http://www.bbc.co.uk/science/humanbody/mind/articles/emotions/faceperception1>.
- PERROT, M. (1990a). À margem: celibatários e solitários. In: P. Ariès & G. Duby (dir.), *História da vida privada: Da revolução à Grande Guerra* (vol. IV, pp. 287-303). Lisboa: Edições Afrontamento.
- PINTO, J.M. da S. (2007). Atractividade: Expectativas e realidades numa população de estudantes universitários. *Psique* 3, 59-85.
- PINTO, J.M. da S. (2009). *Atracção interpessoal numa população de estudantes universitários: Um estudo do ajustamento das expectativas à realidade*. Tese de doutoramento não publicada, Universidade do Algarve.
- POESCHL, G., Múrias, C. & Ribeiro, R. (2003). As diferenças entre sexos: mito ou realidade? [Electronic version]. *Análise Psicológica* 21 (2), 213-228.
- REGAN, P.C. & BERSCHIED, E. (1997). Gender differences in characteristics desired in potential sexual and marriage partner. [Electronic version]. *Journal of Psychology & Human Sexuality* 9 (1), 25-37.
- RESTREPO, L.C. (2004). *Ética do amor*. Coimbra: Ariadne.
- REY, G. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- RICHELLE, M. (2001). Expectativa. In: R. Doron & F. Parot. *Dicionário de psicologia* (pp. 319-320). Lisboa: CLIMEPSI.
- RODRIGUES, A. Assman, E.M.L. & JABLONSKI, B. (2002). *Psicologia social*, 21.ª ed. Petrópolis: Vozes.
- RUAS, A. (1987). Determinantes da identidade sexual – Factores genéticos e endócrinos. In: F.A. Gomes; A. de Albuquerque & J. S. Nunes (coord.), *Sexologia em Portugal* (pp. 60-63). Lisboa: Texto Editora.

- SELLTIZ, C., WRIGHTSMAN, L.S. & COOK, S.W. (1977). *Les méthodes de recherche en sciences sociales*. Montréal: Les Éditions HRW.
- SHELDON, K.M. (2007). Gender differences in preferences for single ads that proclaim extrinsic versus intrinsic values [Electronic version]. *Sex Roles* 57 (1-2), 119-129.
- SIMPSON, J.A. & Gangestad, S.W. (1992). Sociosexuality and romantic partner choice [Electronic version]. *Journal of Personality* 60 (1), 31-51.
- SINGH, D. (s.d.). *An evolutionary theory of female physical attractiveness*. Retrieved April 11, 2008 from http://www.psichi.org/pubs/articles/article_548.asp.
- SKRZYPCZAK, J.-F. (s.d.). *O inato e o adquirido – Desigualdades “naturais”. Desigualdades sociais*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SPRECHER, S., REGAN, P.C., MCKINNEY, K., MAXWELL, K. & WAZIENSKI, R. (1997). *Preferred Level of Sexual Experience in a Date or Mate: The Merger of Two Methodologies*. Retrieved March 24, 2008 from <http://www.questia.com/googleScholar.qst?docId=5001522266>.
- STERNBERG, R.J. (2000). *Psicologia cognitiva*. Porto Alegre : ARTMED.
- TAJFEL, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais*. Vol. I. Lisboa: Livros Horizonte.
- TAP, P. (s.d.). *A sociedade Pigmalião – Integração social e realização da pessoa*. Lisboa: Instituto Piaget.
- TOURAINÉ, A. (2007). *O mundo das mulheres*. Petrópolis: Vozes.
- TUBRE, K.R. (s.d.). *First Impressions: The Effect of Attractiveness and Personality on Pursuing Dating Relationships and Friendships*. Retrieved May 30, 2008 from <http://clearinghouse.missouriwestern.edu/manuscripts/195.asp>.
- VEYNE, P. (1989). O Império Romano. In: P. Ariès & G. Duby (dir.), *História da vida privada: Do Império Romano ao ano 1000* (vol. I, pp. 19-224). Lisboa: Edições Afrontamento.
- VIEIRA, C.M.C. (2006). *É menino ou menina?* Coimbra: Edições Almedina.
- VINCENT, G. (1991). Uma história do segredo? In: P. Ariès & G. Duby (dir.), *História da vida privada: Da Primeira Guerra Mundial aos nossos dias* (vol. V, pp. 155-389). Lisboa: Edições Afrontamento.
- VIRTON, P. (1979). *Os dinamismos sociais. Iniciação à sociologia*, 3.^a ed. Lisboa: Moraes.
- VOLAND, E. (s.d.). *Elementos de sociobiologia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- WALSTER, E., ARONSON, V., ABRAHAMS, D. & ROTTMAN, L. (1966). The importance of physical attractiveness in dating behavior [Electronic version]. *Journal of Personality and Social Psychology* 4, 508-516.
- WILLIAMS, J.H. (1983). The emergence of gender differences. In W. Damon. (Ed.), *Social and personality development – Essays on the growth of the child* (pp. 335-353). New York: W. W. Norton & Company.

Anexo A

Perguntas do QAFISPUAL que fornecem os dados para este relatório

Pergunta 1

Segue-se uma lista de características físicas femininas. Se é do sexo masculino indique a que mais o atrai. Se é do sexo feminino indique a que acha que mais atrai os homens. (Marque uma cruz no quadrado à frente.)

1. Ancas (configuração arredondada destacando-se do corpo)
2. Boca (lábios, dentes, conjunto)
3. Cabelo (comprimento, textura, cor, etc.)
4. Corpo (silhueta bem desenhada, elegância, contornos)
5. Mãos (forma, delicadeza, alongamento, expressividade)
6. Olhos/olhar (forma, cor, expressão, etc.)
7. Pernas (forma, proporções, elegância)
8. Pescoço (esguio, pele delicada, elegante)
9. Porte atlético (condição física, corpo musculado)
10. Rabo
11. Rosto (contornos, conjunto, beleza)
12. Seios (volume, forma, sustentação)
13. Sexo (vulva, púbis)
14. Sorriso
15. Umbigo (área entre a base das costelas e as virilhas)

Pergunta 3

Segue-se uma lista de características físicas masculinas. Se é do sexo feminino indique a que mais a atrai. Se é do sexo masculino indique a que acha que mais atrai as mulheres. (Marque com uma cruz no quadrado à frente.)

1. Boca (lábios, dentes, conjunto)
2. Cabelo (textura, cor, etc.)
3. Compleição física (porte atlético, musculatura do corpo)
4. Mãos (forma, força, alongamento, expressividade)
5. Nádegas (forma, volume, textura, musculatura)
6. Olhos/olhar (forma, cor, expressão)
7. Peito (musculatura, forma, desenvolvimento)
8. Pelos no peito
9. Pénis (vulto visível, tamanho grande)
10. Pernas (forma, proporções, musculatura)
11. Pilosidades (cabelo e pilosidade geral do corpo)
12. Rosto (contornos, conjunto, aspecto másculo)
13. Ser alto
14. Sorriso
15. Tronco (ombros largos, forma em “V”, musculatura)